

CONCEPÇÃO DE MORTE NA INFÂNCIA CHILDREN'S CONCEPTION OF DEATH

Aline Sberse Sengik e Flávia Brocchetto Ramos
Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Brasil

RESUMO

Este artigo busca refletir sobre a concepção de morte na infância a partir de falas de quatro crianças com idade entre três e quatro anos de idade, encaminhadas para avaliação psicológica no período de 2008 a 2011. Para fundamentar o estudo, emprega-se como suporte teórico Aberastury (1984), Bromberg (1996, 1998), Torres (2002) e Kovács (2002), os quais tratam acerca da percepção da morte pela criança. Percebe-se que a discussão sobre o tema envolve angústia, medos e silenciamentos, especialmente quando o assunto requer o diálogo com o sujeito. Na sequência, são abordadas questões relacionadas à linguagem, a partir de Bakhtin, Piaget e Vygotsky, de modo a fundamentar a discussão sobre o processamento da morte pela criança por meio da linguagem.

Palavras-chave: morte; infância; linguagem.

ABSTRACT

This essay reflects on the concept of death in childhood based on speeches of four children between three and four years old, submitted to psychological evaluation from 2008 to 2011. To support the study, is used as theoretical support Aberastury (1984), Bromberg (1996, 1998), Torres (2002) and Kovács (2002) which deal with child's perception of the death. It is visible that the discussion on the theme involves anxiety, fears and silences, especially when it requires dialogue with children. Following are addressed issues related to the language, based on Bakhtin, Piaget and Vygotsky in order to support the discussion about the processing of death by child through language.

Keywords: death; childhood; language.

Introdução: morte e luto

A morte deveria ser assim: um céu que pouco a pouco anoitecesse e a gente nem soubesse que era fim...

(Mário Quintana)

Falar da morte é uma tarefa difícil na nossa cultura. O termo causa inquietações, medos e ansiedades. Entretanto, a morte faz parte da vida, faz parte do desenvolvimento humano desde a mais tenra idade. A consciência que se tem sobre a finitude ao mesmo tempo em que é uma característica que diferencia o ser humano dos outros seres, também propicia o questionamento sobre a vida. O discurso popular assegura que a única certeza que se tem na vida é de que algum dia se morre, porém, às vezes, evita-se o assunto. Algumas pessoas ainda tentam desafiar a morte na ânsia de vencê-la.

A morte pertence à condição humana. A morte da pessoa amada é não apenas uma perda, como também a aproximação da própria morte, uma ameaça. Todo seu

significado pessoal e internalizado é, então, evocado e as vulnerabilidades pessoais a ela associadas são remexidas. (Bromberg, 1998, p.19)

Desse modo, falar sobre a morte implica angústia frente a essa condição, especialmente quando se trata de conversar sobre o tema com a criança. De acordo com Bromberg (1998), o significado dado pela criança à morte varia conforme sua idade, o vínculo estabelecido com a pessoa falecida, o momento de seu desenvolvimento psicológico, além de como o adulto, com quem convive, lida com a perda. A autora (1996, p.111) acrescenta que “assim que a criança tiver idade suficiente para se vincular, pode ter consciência da possibilidade de perder a pessoa amada, de ter os vínculos rompidos”.

Entretanto, não é simples lidar com perdas. A morte do pai ou da mãe causa uma dor imensa na criança. Mas, diferente do que se pensa, falar sobre o assunto não irá aumentar essa dor, ao contrário, tende a amenizá-la, além de auxiliar a criança na elaboração de seu luto¹. Porém, equivocadamente, os adultos,

não raras vezes, “mentem ou ocultam a verdade à criança, esta deixa de acreditar neles e pode não voltar a perguntar” (Aberastury, 1984, p.129). Com essa atitude, “a criança sente uma terrível confusão e um desolado sentimento de desesperança, criado porque já não tem a quem recorrer” (Aberastury, 1984, p.129).

O silêncio do adulto sobre a morte com o argumento de evitar o sofrimento à criança, porque ela nada compreenderia a esse respeito, acaba inibindo-lhe no que diz respeito a sua curiosidade, sentimentos e questionamentos. Torres (2002, p.162) alerta que “a prudência do adulto consiste, em princípio, no respeito às explicações próprias de cada etapa cognitiva, algumas vezes vai requerer que desfaça crenças próprias dessa etapa, a fim de evitar uma crise maior”.

Além disso, quando o adulto omite a morte de um familiar, a criança tende a perceber que algo está errado, observa as pessoas tristes e geralmente cochichando, o que remete a um segredo. Grande parte dos autores abordados neste artigo sugere que se converse com a criança de maneira natural, sincera, falando acerca de seus sentimentos, dúvidas e pensamentos, salientando que com união e amor se pode superar as tristezas e prosseguir com a vida. Kovács (2002, p.49) argumenta que a criança apresenta

uma aguda capacidade de observação e quando o adulto tenta evitar falar sobre o tema da morte com ela, a sua reação pode ser a manifestação de sintomas. Ao não falar, o adulto crê estar protegendo a criança, como se essa proteção aliviasse a dor e mudasse magicamente a realidade. O que ocorre é que a criança se sente confusa e desamparada sem ter com quem conversar. (2002, p.49)

Aberastury (1984) afirma que quando um adulto se nega a esclarecer verbalmente a morte, perturba o momento inicial de elaboração do luto da criança, que é a aceitação de que alguém desapareceu para sempre. Explicações como foi para o céu, foi viajar, está doente, ou que logo retornará geram confusão e dor além de permanente frustração a criança, bloqueando todo o processo de conhecimento. “A ausência se faz mais dolorosa e conflitiva. Entram em luta uma convicção do que aconteceu, que é percebido pela criança, e o que o adulto lhe relata” (p.132).

O processo de luto pode ser amenizado quando a criança consegue formar vínculos substitutos. Nesse sentido, Bromberg (1996, p.103) acrescenta que a reação do familiar é de importância fundamental, “pois dá ou não à criança a possibilidade de entender e lidar com sentimentos de tristeza, culpa ou surpresa”. De acordo com Torres (2002, p.122),

a evolução do processo de luto da criança, ... é enormemente influenciada pelo que lhe é dito, como é dito e, no caso da morte de um dos pais, como o genitor sobrevivente reage e como espera que a criança reaja.

A criança sentirá a perda de uma pessoa significativa e, por isso, deve ser permitido a ela um espaço para que sua dor possa existir. “A criança não conhece muito bem como é o processo da morte, mas experimenta a ausência que ela vive como abandono” (Aberastury, 1984, p.135) e, nesse aspecto, a linguagem tem papel fundamental, pois à medida que se oportuniza falar sobre um tema, nesse caso a morte de um ente querido, a criança passa a compreender melhor sobre sua perda e, conseqüentemente, sobre os sentimentos que envolvem o luto. Segundo Kovács (2002), o luto é finalizado quando a criança consegue guardar, dentro de si, a presença da pessoa perdida mesmo na sua ausência, e é esse processo que permite o estabelecimento de outras relações.

A palavra morte

Neste item serão abordadas questões referentes à linguagem, especialmente acerca da palavra morte, além de mencionar algumas implicações de caráter histórico e ideológico, na perspectiva bakhtiniana, que configuram sua representação.

O vocábulo morte suscita fantasias e constitui-se a partir de muitos significados, o que faz, frequentemente, com que adultos evitem usá-lo na presença de uma criança. Seria uma daquelas palavras proibidas, pois a mera enunciação poderia dar-lhes vida. Para Larrosa, as palavras têm poder, produzem sentido, criam realidades, determinam o pensamento: “Quando fazemos coisas com as palavras, ... damos sentido ao que somos e ao que nos acontece” (2002, p. 21).

Cada vocábulo é carregado de ideologia, de modo que cada termo precisa ser compreendido a partir de sua natureza sociocultural, pois a língua é vista não como

reflexo das hesitações subjetivo-psicológicas, mas das relações sociais estáveis dos falantes. Conforme a língua, conforme a época ou os grupos sociais, conforme o contexto presente tal ou qual objetivo específico, vê-se dominar ora uma forma ora outra, ora uma variante, ora outra. (Bakhtin, 2006, p.150).

Desse modo, entende-se que a interação social rege o processo de construção da linguagem, e a língua é concebida como um sistema mutável que adquire sentido a partir do contexto em que surge, evoluindo

de acordo com os valores ideológicos que se ligam a ela. De acordo com Bakhtin (2000, p. 313), uma

palavra existe para o locutor sob três aspectos: como palavra neutra da língua e que não pertence a ninguém; como palavra do outro pertencente aos outros e que preenche o eco dos enunciados² alheios; e finalmente como palavra minha. Sob esses dois últimos aspectos a palavra é expressiva, mas esta expressividade, não pertence a própria palavra: nasce do ponto de contato entre a palavra e a realidade efetiva, nas circunstâncias de uma situação real, que se atualiza através do enunciado individual. A época, o meio social, o micromundo sempre possui seus enunciados que servem de norma, dão o tom.

A morte de uma pessoa significativa é uma perda irreversível que causa dor intensa às pessoas próximas. Porém parece ainda mais difícil abordar o assunto quando envolve crianças, especialmente, porque podem sentir a ausência da pessoa falecida como uma ameaça de rompimento com outras figuras de apego. Mesmo assim, fará parte do desenvolvimento da criança assimilar aos poucos o que foi perdido por meio da expressão, seja falando, chorando, desenhando ou brincando. Entretanto, a irreversibilidade da morte necessita ser pontuada pelo adulto. Explorar e tentar responder às perguntas das crianças sobre a morte é mais adequado do que inventar eufemismos ou criar ilusões que confundam ainda mais seus pensamentos. Nesse sentido, lembra-se que

não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou coisas más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo, ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (Bakhtin, 2006, p. 96)

A criança espera uma resposta do adulto, acredita que ele seja capaz de lhe dizer o que aconteceu. É necessário explicar-lhe que a morte é irreversível, ou seja, que a pessoa que morreu não irá mais voltar à vida. Diante dessa situação, nota-se a dificuldade do adulto em lidar com a palavra morte por todo o conteúdo e sentido que ela provoca não apenas na criança, mas nele próprio.

Conforme Bakhtin (2000), o ato de falar demanda uma resposta do outro, ou seja, há a necessidade do outro “entrar” no discurso. A compreensão exige, pois, uma atitude responsiva, que acontece no diálogo. Em sessões de psicoterapia³, é permitido ao paciente falar, dizer e, conseqüentemente, pensar. Entende-se, a partir de Bakhtin, que o interlocutor não é um mero receptor, não é um destinatário pacífico que se

limita a compreender o locutor, pois um enunciado é sempre acompanhado de uma atitude responsiva, ou seja, pressupõe uma resposta do(s) outro(s) a quem o enunciado se dirige. Segundo Bakhtin, “o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para este discurso, uma atitude responsiva ativa” (2000, p. 290). Essa atitude pode ocorrer imediatamente após a compreensão de um enunciado como pode também permanecer muda durante um tempo, pois, conforme argumenta Bakhtin, “cedo ou tarde, o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte” (2000, p. 291). É o que ele chama de compreensão responsiva de ação retardada⁴.

Nas conversas planejadas e com duração predeterminada, como os atendimentos de onde se extraem as conversas analisadas neste artigo, pensa-se sobre os enunciados emitidos nessas situações. Esses enunciados, a partir do olhar de Bakhtin, trazem no discurso da criança modos de dizer internalizados, carregados por juízos de valor, sentimentos, afetos, apreciação e entonação próprios. A comunicação entre o psicólogo e a criança se dá de forma única, ou seja, os acontecimentos, as manifestações lúdicas, assim como os enunciados, são irrepitíveis. É nesse contexto que ela vai se expressar, quando a família não oportuniza um espaço para que a criança fale sobre a morte, seja por dificuldades próprias do adulto em lidar com o assunto, seja para poupar a criança do sofrimento escondendo-lhe o ocorrido.

Como já mencionado, frequentemente a família acredita que seja possível omitir a morte de um ente querido à criança. Esse comportamento é inútil, visto que, quando esse sujeito está em tratamento psicoterápico, é notório o conhecimento inconsciente acerca da perda. Além disso, existem muitas formas pelas quais as crianças entram em contato com a morte, como nos mostra Kovács:

toda criança já “perdeu” um passarinho, um gato, ... ou qualquer bicho de estimação. Percebeu então que ficaram diferentes de quando estavam vivos. Além disso, podem morrer bisavós, avós, pais, irmãos e, nos noticiários e novelas da TV, inúmeras pessoas morrem. Diferentes das personagens de desenhos animados, que sempre renascem, aqueles jamais retornam. É uma tarefa muito difícil para a criança definir vida e morte, pois na sua percepção a morte é não-movimento, cessação de algumas funções vitais como alimentação, respiração; mas na sua concepção a morte é reversível, pode ser desfeita. (2002, pp. 3-4)

A partir dessas ideias, na sequência serão abordadas algumas possibilidades acerca das

concepções de morte que a criança pequena apresenta. Neste caso, o objetivo é refletir sobre o tema para que se possa compreender e adotar uma atitude de apoio à criança que passa por uma perda significativa em sua vida.

Metodologia e procedimentos

Com o objetivo de ilustrar esses aspectos teóricos e analisá-los na perspectiva da linguagem, serão discutidas algumas falas de quatro crianças que têm entre três e quatro anos de idade e que passaram por perda significativa de algum familiar. Esses sujeitos foram encaminhados por creches e/ou escolas municipais e atendidos pelo setor de psicologia, no período de 2008 a 2011. O serviço é oferecido pela Secretaria Municipal de uma cidade localizada na Região Nordeste do Rio Grande do Sul. Os pais e/ou responsáveis pelas crianças foram contatados em suas residências e orientados acerca de como o trabalho seria desenvolvido. Todos permitiram a utilização das falas desses sujeitos e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando a realização deste estudo. Tendo em vista a importância de manter o sigilo da identidade das crianças, elas serão identificadas por S1, S2, S3 e S4. Alguns trechos foram transcritos literalmente nos prontuários clínicos e selecionados à medida que pudessem facilitar a compreensão e a discussão ora proposta. Embora essas falas tenham sido manifestadas em algumas sessões terapêuticas, cabe salientar que não se tem como meta interpretar (no sentido psicanalítico) ou analisar a elaboração de um luto, tampouco discutir as intervenções realizadas naquele contexto. O objetivo é analisar, por meio da linguagem verbal, algumas possibilidades de como a morte é processada pelos sujeitos conforme os autores aqui propostos.

Resultados e discussões acerca da concepção de morte na infância

Neste item serão tratadas questões referentes à linguagem, além de apresentados alguns trechos de falas das crianças, ilustrando algumas possibilidades acerca da concepção de morte na infância. Para isso, utilizam-se alguns autores como Piaget (1990), Bakhtin (2000, 2006) e Vygotsky (1998).

Como já mencionado, é fundamental oferecer à criança respostas às suas perguntas, permitindo que ela forme seu conceito do que vem a ser morte. Dentre alguns estudos referentes à concepção de morte pela criança, Torres (2002) apresenta três características:

(1) irreversibilidade - a impossibilidade do corpo morto retornar ao estado anterior; (2) não funcionalidade - entendimento de que todas as funções definidoras da vida cessam com a morte; (3) universalidade - tudo o que é vivo morre.

Segundo Piaget (1990), a criança pensa diferente do adulto e se desenvolve de acordo com estágios. O autor distingue quatro períodos do desenvolvimento cognitivo: sensório motor, pré-operacional, operacional-concreto, operacional-formal. Entretanto, neste artigo, será abordado somente o período pré-operatório, que abarca a idade dos sujeitos aqui mencionados. O estágio referente ao pensamento pré-operacional, conforme Piaget (1990), ocorre dos dois aos seis ou sete anos de idade. Dentre suas características cita-se o uso de símbolos, de imagens mentais, além do desenvolvimento da linguagem infantil. O raciocínio é considerado pré-lógico, evidenciando a necessidade do concreto. O pensamento da criança já começa a se organizar, mas ainda é irreversível, e a criança segue em uma perspectiva egocêntrica, observando como a realidade a afeta. Tende a explicar os fatos conforme os experientes, de modo que seu entendimento pode ou não ser coerente com a realidade.

Essas características podem ser observadas na fala de S1, uma criança de três anos de idade, do sexo masculino, que foi submetida a avaliação psicológica em 2011 por um período de um mês. S1 perdera o avô com quem tinha contato diário e um bom vínculo afetivo. Seus pais o encaminharam para atendimento psicológico por “*apresentar muita ansiedade, agressividade, além de falar no avô o tempo todo*”. Na queixa trazida pela mãe, evidencia-se a dificuldade de escutar essa criança que “*fala no avô o tempo todo*” e de fornecer-lhe algum tipo de resposta que possa auxiliar na sua compreensão acerca do que vem a ser a morte, aspecto que sinaliza que o adulto também tem dificuldade de tratar do tema.

Ao chegar à sessão, a criança já anuncia para o que veio: “*eu vim pra conversar do nono... ele foi pro céu e quando será volta*”. Ao questionar onde é o céu, S1 aponta para cima, dizendo: “*o céu fica lá em cima. Eu não quero que o vô fique lá ... eu quero que ele volte*”. Nessa fala inicial, a criança abre seu discurso aventando a possibilidade de estar novamente com o avô. Seu enunciado mescla pensamento de outros e os seus. Repete, de certa forma, palavras e, conseqüentemente, a posição dos outros, no caso, os mais velhos. O menino declara que veio até aquele espaço para “*conversar do nono*”, que ele “*foi pro céu*”. Entende o céu como uma espécie de hospital, lugar de tratamento e afirma que o avô vai retornar após uma possível “*cura*”. A criança sugere que o avô está longe,

mas que regressará ao convívio, demonstrando a noção de reversibilidade em seu pensamento.

A intervenção da psicóloga sugere a S1 que explique onde fica o céu – esse lugar mágico onde os doentes são tratados e depois voltam ao nosso convívio. Nesse momento, a criança, além de responder a questão feita, assume a pessoalidade do seu discurso ao afirmar “Eu não quero que o vô fique lá ... eu quero que ele volte”. Nesse caso, expressa seu desejo e talvez o desagrado frente às vozes que escuta acerca da morte do avô. A vontade de ver novamente o avô, a lembrança, a saudade continuam sendo manifestadas quando reitera, em outro momento: “*Ele bateu com carro. Ele se machucou, mas quando ele sarar volta. Agora não dói mais ... será que ele vai sarar?*” O desejo de resposta imprime ao seu discurso a pergunta ao seu interlocutor.

Supõe-se que o pensamento de S1 evidencia um raciocínio pré-lógico, visto que acredita que quando uma pessoa morre vai para o céu. É possível perceber, também, o caráter reversível em seu pensamento quando traz a ideia de que o avô retorne: “quando ele sarar volta”. Certamente, até aquele momento nenhum adulto havia esclarecido para a criança que seu avô não voltaria mais, fato evidenciado pela falta de coerência de sua fala com a realidade. Ao dizer que “agora não dói mais”, a psicóloga tentou lhe perguntar acerca de sua própria dor, mas a forma verbal com a qual o menino se expressava inferia a dificuldade de representação acerca da morte. Entretanto, o impacto e as consequências dessa perda eram manifestados pela criança no seu comportamento ansioso e agressivo referidos pelos pais.

Por fim, na fala de S1 pode ser identificada a dúvida se seu avô irá voltar ou não “será que ele vai sarar?” Como abordado anteriormente, isso pode gerar grande expectativa e inquietação, visto que o sujeito ficará em uma espera que nunca terá fim. A dúvida é materializada pela pergunta que pode ser retórica, mas também sinaliza um desejo de resposta.

A criança não compreende como os adultos. Ela tende a pensar que a pessoa que morreu poderá voltar a viver a qualquer momento, ou poderá fazer uso de fantasias, apresentando um entendimento irreal acerca da morte. O silêncio da criança que não responde frente à situação vivida implica a necessidade da palavra do outro para auxiliá-la no entendimento do vivido. Nesse caso, a língua concretiza a necessidade humana de expressar-se, de exteriorizar-se contribuindo para que os falantes construam o entendimento de si e do seu entorno (Bakhtin, 2000, p. 289). Porém, a expressão tende a estar associada a alguma pista acerca do ocorrido, seja através do lúdico, seja pela linguagem

verbal. E, de fato, as crianças ainda em tenra idade falam sobre suas perdas, desde que o outro – que pode ser o adulto - oportunize uma escuta qualificada.

Essa busca por resposta pode ser observada na fala de S2, uma criança de três anos de idade, do sexo masculino, que foi submetida a um acompanhamento psicológico em 2008, por um período de três meses. S2 acreditava que o pai estava viajando. A avó do menino, com quem ele vivia, não tinha coragem de contar-lhe que o pai morrera eletrocutado e, por isso, buscou ajuda.

Ao chegar à sessão, a criança já demonstrava sua necessidade: precisava de uma resposta sobre onde estava seu pai. Disse: “*o pai foi num homem ... só que ele demora pra voltar. Onde está meu pai?*” Nesse contexto, na perspectiva bakhtiniana, o enunciado de S2 busca a resposta do outro, ou seja, uma atitude responsiva para que compreenda o que realmente aconteceu com o seu pai. Observa-se que a criança, antes de indagar, expressa sua inquietação valendo-se de elementos que assumem âmbito espacial e temporal, pois diz que o pai foi “num homem”, mas esse não é denominado, o que pode ser entendido como um aspecto de categoria espacial indeterminado. Além disso, traz outro dado, que é a temporalidade, ao constatar que “só que ele demora pra voltar”. A consciência do outro orienta a criança a contextualizar sua pergunta, pois, como assegura Bakhtin:

toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro. (2006, p. 115)

Pelas palavras, os diálogos se materializam e estão sempre carregados pela intencionalidade do enunciatador, que escolhe palavras específicas às situações de interação.

É no diálogo, por sua simplicidade e clareza, que se efetiva a comunicação verbal. E, nesse caso, por mais que se tenha muito cuidado às circunstâncias que permeiam o discurso, além de uma técnica, a palavra que deve ser usada é morte, com todo o significado que ela carrega.

A intervenção da psicóloga em relação à pergunta de S2 foi imediata, visto que não havia tempo para prepará-lo ou motivos para lhe omitir o que de fato aconteceu com seu pai. Ao questioná-lo sobre onde ele achava que estava seu pai, S2 insistiu com a pergunta “onde está meu pai?”. Quando a psicóloga explicitou o fato que havia sido ocultado pela avó, houve uma tentativa de lhe contar uma história que tratava sobre

a morte de uma plantinha, destacando seu caráter irreversível. Entretanto essa atividade foi interrompida em seguida pelo sujeito: “*Eu não quero escutar isso, quero brincar de outra coisa!*” S2 seguiu com suas brincadeiras, oscilando entre pegar e largar objetos quaisquer, demonstrando distanciamento e agitação até o final dessa sessão. Ele precisava de um tempo para lidar com a informação que por um longo período havia lhe sido negada.

Na sessão seguinte, S2 conseguiu se expressar e, quando se sentiu à vontade, trouxe de forma natural a situação compreendida acerca da morte de seu pai. Ao brincar com um boneco, disse: “*O bebê está triste, porque o pai morreu. Sabia que a minha mãe está em Porto Alegre e meu pai morreu? Ele morreu nos fios de luz. Eu to triste, porque meu pai morreu*”. Na brincadeira, entendida como uma situação de faz de conta, a criança, por meio de ações e de palavras, transfere questões pessoais para o brinquedo e depois consegue verbalizar suas emoções, seu estado de abandono: “*Sabia que a minha mãe está em Porto Alegre e meu pai morreu?*” E acrescenta um dado acerca de como foi a morte: “*Ele morreu nos fios de luz.*” Por fim, mostra-se autorizado para dizer como se sente: “*Eu to triste, porque meu pai morreu*”. Gradativamente, pela interação, seja com uma pessoa ou com um objeto, vai entendendo o significado da morte e processando o fato de que o pai faleceu.

Vygotsky (1998) aborda diferentes fases pelas quais a criança passa para chegar à formação de conceitos. Refere que, de etapa do agrupamento conceitual, ou seja, de uma agregação desorganizada, a criança evolui para o pensamento por complexos até alcançar a formação de conceitos verdadeiros. Neste artigo, utiliza-se o pensamento por complexos, mais especificamente a quinta fase mencionada pelo autor, o pseudoconceito, justamente por esse direcionar-se a um pensamento coerente e objetivo e por caracterizar o processo de formação de conceitos em que se acredita que as crianças mencionadas se encontram.

Para Vygotsky (1998), um conceito pode ser compreendido como um ato real e complexo do pensamento que não pode ser ensinado, mas desenvolvido quando a criança já tiver atingido o nível de desenvolvimento mental necessário. Para formar um conceito, segundo o mesmo autor, é fundamental que o sujeito já seja capaz de abstrair, isolar, unificar e examinar os elementos.

O pseudoconceito serve de elo entre os complexos e o estágio final do desenvolvimento da formação de conceitos, predominando sobre todos os outros complexos no pensamento da criança em idade pré-escolar.

Os complexos que correspondem ao significado das palavras não são desenvolvidos espontaneamente pela criança. As linhas ao longo das quais um complexo se desenvolve são determinadas pelo significado que uma determinada palavra já possui na linguagem dos adultos. ... O adulto apresenta a criança o significado acabado de uma palavra, ao redor da qual a criança forma um complexo – com todas as peculiaridades estruturais, funcionais e genéticas do pensamento por complexos. (Vygotsky, 1998, p. 84, grifo do autor)

Esses aspectos podem ser evidenciados nas falas de S3, uma criança de três anos de idade, sexo feminino, que foi submetida a acompanhamento psicológico em 2011 por um período de dois meses. S3 perdera a mãe por infarto, e seu pai a encaminhou para avaliação psicológica por apresentar “*choros frequentes, além de não querer ir à creche, nem tomar banho*”.

As falas da criança a serem ilustradas demonstram que ela ainda não tem um entendimento consolidado acerca do tema, visto que ainda não é capaz de abstrair, e que suas concepções acerca da morte possuem significados e explicações alimentadas por um adulto, referendando a concepção bakhtiniana de que tomamos as palavras emprestadas dos outros e a partir delas nos constituímos. Entretanto, cabe ressaltar que a experiência da morte é tão intensa que implica um entendimento acerca da mesma.

Eu já sou grande e por isso não vou chora. Eu vim aqui pra brincar. ... Minha mãe morreu e foi lá [aponta para cima]. Eles colocaram ela numa caixa grande ... Ela tava dormindo ... O pai falou que ela não vai acordar.

Nesse enunciado, a menina abre o discurso apresentando-se ao interlocutor, ao dizer quem é: “*Eu já sou grande*”. O lugar que ocupa na sociedade implica determinado papel social que deve ser desempenhado: “*e por isso não vou chorar*”. Certamente quando falado da morte da mãe para S3, foi-lhe dito que ela não deveria chorar, porque era grande, sugerindo que pessoas grandes não choram, não sofrem, ou melhor, não demonstram sua dor. Ainda se constatou que não foi oportunizado um espaço para que ela expressasse seus sentimentos, visto que uma das queixas trazidas pelo pai é de que a menina chora com frequência, o que é natural para quem está em processo de luto.

S3 acompanhou o velório da mãe e, dessa forma, associa morrer e dormir, demonstrando o processo de construção do entendimento acerca do que seja morrer: “*Ela estava dormindo*”, pois as pessoas fecham os olhos quando adormecem. Porém, o pai havia falado que a mãe não iria mais acordar, e isso difere do ato de dormir que conhece. A criança, julgando por sua experiência, fecha os olhos para dormir, mas os abre

todos os dias quando acorda. Desse modo, ainda não tem claro que a morte é definitiva. Além disso, a menina reconta o processo de separação e de despedida da mãe com os elementos que possui: “eles colocaram ela numa caixa grande”. Não nomina as pessoas que colocaram a mãe no caixão, termo também ignorado ao denominá-lo como uma “caixa grande”.

Em outro momento, S3 complementa :

a mãe é uma estrelinha no céu agora. Lá fica o céu é um lugar bem lá em cima. É longe, né, tia? Será que eu podia ir ver a mãe, tia? O pai falou que lá em cima tem Jesus e que ele está cuidando da mãe.

A criança fala do céu apontando para cima, demonstrando o tipo de céu que conhece, remetendo a um espaço habitado por estrelas. Apesar de o céu parecer um lugar distante e possivelmente inacessível para a menina, também denota com seu questionamento - “É longe né tia?” – a fantasia de que talvez haja uma maneira de ir até lá e de reencontrar sua mãe. Nesse mesmo contexto, trouxe que a mãe teria virado uma estrelinha no céu, o que para ela tem lógica, pois à noite vemos estrelas nele. Nesse processamento da dor da perda pela morte, S3 acredita que a mãe não está desamparada, pois, no céu, tem Jesus, que para ela pode significar uma pessoa boa que cuidará de sua mãe.

Desse modo, o pseudoconceito ainda não pode ser considerado um conceito, pois a criança, ao nomear uma palavra, como morte, terá como base o significado do termo empregado pelo adulto. Para Vygotsky (1998, p. 91), o significado das palavras é estável, já o sentido se altera de acordo com o contexto em que surge. Em princípio, as palavras da criança e do adulto coincidem quanto a seus referentes, porém diferem quanto a seus sentidos. Esse fato pode gerar a ilusão de que a criança já formou o conceito, histórico e cultural, mas ela está apenas iniciando seu processo de desenvolvimento intelectual sobre o respectivo vocábulo.

Para finalizar, são apresentadas as falas de S4, uma criança de quatro anos de idade, sexo feminino, submetida a tratamento psicológico em 2010, por um período de sete meses. S4 presenciou o suicídio da mãe. Seu pai a encaminhou para tratamento psicológico por apresentar: “*choros frequentes, além de falar o tempo todo na morte da mãe*”.

A menina conta com naturalidade sobre a morte da mãe: “*eu moro com meu pai, porque minha mãe morreu, tomou veneno. Agora ela tá no céu. A mãe tomou remédio e foi pro céu. Eu queria visitar a mãe lá no céu ... mas eu não quero tomar remédio*”.

Posteriormente, diz:

a mãe virou anjinho e vai cuidar de mim ... lá do céu. O anjinho fica lá no céu com um monte de anjinhos ... eles cuidam da gente. Quando eu for anjinho, vou ver a mãe lá no céu. Mas só depois ... agora vamos brincar?

Nesses trechos, evidencia-se o uso de pseudoconceitos. S4 traz a forma como a mãe morreu, ou seja, diz que ela tomou veneno. Veneno ora é considerado como algo ruim, que faz mal, que mata, ora é substituído pela palavra remédio que tem o potencial de curar as pessoas, diminuir a dor, trazê-las à vida. Nesse enunciado, o sentido das palavras parece estar confuso, mas pode ser entendido como uma estratégia discursiva para suportar ou para lidar com a dor.

A menina refere-se ainda à questão do cuidado: “a mãe virou anjinho e vai cuidar de mim ... lá do céu”. Dessa forma, pode se sentir menos abandonada, acreditando que sua mãe a vigiará, mesmo que de longe. Em outro momento, alerta que talvez a mãe é quem precisasse de cuidados, remetendo-se novamente à questão do remédio, dizendo que os anjinhos “cuidam da gente”. A defesa inconsciente da criança é percebida de forma clara quando troca a palavra veneno por remédio. Talvez seja menos doloroso acreditar que a mãe estivesse doente e precisando de cuidados (remédios) do que tivesse tirado a própria vida (veneno). Afinal, o céu é um local povoado por anjos e, se a mãe está lá, passa a ser vista também como um anjo, ou seja, não é mais aceito o fato de ela ter tirado sua vida, ter sido frágil. A criança encerra o assunto não mais expressando verbalmente seus sentimentos, mas deixa claro que, em outros momentos, pode querer voltar ao tema: “vou ver a mãe lá no céu. Mas só depois ... agora vamos brincar?” O convite para brincar talvez seja um pedido para sair temporariamente do tema em foco.

S4 demonstra um grande desejo de reencontrar a mãe com a crença de que um dia também se tornará um anjinho e viverá nesse mesmo céu, compreendido como um lugar bom, bonito, para onde vão as pessoas quando necessitam de cuidados e/ou quando morrem. A menina sinaliza o entendimento acerca da morte conforme as explicações comuns que os adultos oferecem aos pequenos quando algum ente querido falece. Novamente, os enunciados infantis parecem ser tomados de outras falas adultas, demonstrando que a criança ainda não formou o conceito real, histórico e cultural do vocábulo morte.

Como se constata, a morte de um ente querido é entendida, no sentido posto por Larrosa (2002),

como uma experiência que nos passa, nos atravessa, independente da idade. Mesmo a criança de 3 e 4 anos, que ainda usa a linguagem de forma rudimentar, encontrará formas de dizer, de falar das marcas dessa vivência na sua formação. A experiência da perda pode ser entendida, com base nesse autor, como algo singular, irrepetível, que abarca uma dimensão de incertezas – “é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem ‘pré-ver’ nem ‘pré-dizer’” (2002, p. 28).

Considerações finais

Pela linguagem as pessoas se constituem, se conhecem e se dizem. Há temas que são enunciados com mais facilidades e outros considerados tabus. O modo como as famílias lidam com a morte em relação às crianças diverge ainda que pertençam a uma mesma cultura. Há aquelas cujas crianças acompanham o ritual de velório e enterro; há outras que omitem a partida do morto e também existem algumas que distorcem o ocorrido. A conduta familiar pode deixar a criança confusa, sem esperança e frustrada quando o que lhe é dito difere daquilo que percebe à sua volta. O processamento do fato ocorre pela linguagem, seja verbal ou não e, diante da dificuldade de falar sobre o ocorrido, eventualmente, a família recorre à ajuda de um profissional que a apoie nesse processo de comunicação. Desse modo, a criança passa a ter uma assistência que lhe auxilia na construção do sentido do termo e, conseqüentemente, na elaboração de sua perda, promovendo estratégias por meio das quais possa expressar suas emoções, de modo que sua dor possa existir, já que pela linguagem se pensa e se constroem relações também pautadas pela tristeza.

Falar sobre morte suscita medos, ansiedades, angústia, além da vontade de evitar o assunto. Entretanto, a morte faz parte da vida e é necessário tratá-la da forma mais natural possível, especialmente quando se conversa sobre o assunto com uma criança.

Como discutido neste artigo, a dor de uma perda é intensa, seja para adultos, seja para crianças. No entanto, é direito da criança ser esclarecida sobre a morte de uma pessoa significativa em sua vida, ainda que tenha um entendimento diferente acerca da concepção de morte do adulto. Além disso, conforme sugerido por diversos autores, é necessário que se diga para a criança que a pessoa que morreu não volta mais, ou seja, permitir que ela entenda a irreversibilidade da morte e que com esse entendimento lide melhor com suas emoções e com seu processo de luto.

O objetivo deste estudo foi, portanto, refletir sobre algumas possibilidades de como a morte pode ser processada na infância, abordando questões relacionadas à linguagem verbal. Dessa forma, o artigo foi construído a partir de algumas falas de crianças entre três e quatro anos, discutindo como concebem a morte. A morte é percebida por elas numa perspectiva de pensamento pré-lógico, de reversibilidade, como um pseudoconceito. Constata-se que o conceito de morte está sendo construído a partir do desenvolvimento dos sujeitos e das informações que lhes forem disponibilizadas e percebidas no meio em que vivem e com o qual eles interagem. Assim, outros estudos devem ser realizados com esse mesmo olhar, visto que a criança falará sobre sua perda com qualquer pessoa que esteja disposta a ouvi-la e a significar suas palavras.

Notas

- 1 “Luto compreendido como um conjunto de reações a uma perda significativa” (Bromberg, 1998, p. 11).
- 2 O enunciado para Bakhtin (2000, p. 293) “é a unidade real da comunicação verbal” que possui uma demarcação determinada pela alternância dos sujeitos falantes e que acaba por uma transferência da palavra ao outro. “A fala só existe, na realidade, na forma concreta dos enunciados de um indivíduo: do sujeito de um discurso-fala” (2000, p. 293). Ao mencionar os enunciados alheios, o autor propõe a ideia de que os discursos dos outros são carregados de significados socialmente construídos. Para melhor esclarecimento sobre esses conceitos ler: Bakhtin, M. (2000). *Estética da criação verbal* (3ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- 3 Psicoterapia consiste no tratamento psicológico que objetiva mudanças de natureza emocional, cognitiva e/ou comportamental.
- 4 A partir do entendimento de linguagem na perspectiva bakhtiniana, nosso estudo é restrito porque não analisamos, por exemplo, ações no âmbito da “compreensão responsiva de ação retardada”.

Referências

- Aberastury, A. (1984). *A percepção da morte na criança e outros escritos*. Porto Alegre: Artmed.
- Bakhtin, M. (2000). *Estética da criação verbal* (3ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Bakhtin, M. (2006). *Marxismo e filosofia da linguagem* (12ª ed.). São Paulo: Hucitec.
- Bromberg, M. H. P. F. (1996). Luto: a morte do outro em si. In M. H. P. F. Bromberg, M. J. Kovács, M. Carvalho, M. J. C. Margarida, & V. A. Carvalho, *Vida e morte: laços de existência* (pp. 99-122). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bromberg, M. H. P. F. (1998). *A psicoterapia em situações de perdas e luto*. (2ª ed.). São Paulo: Editora Psy.
- Kovács, M. J. (2002). *Morte e desenvolvimento humano* (4ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Larrosa, J. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 19, 20-28.

Piaget, J. (1990). *Epistemologia genética*. São Paulo: Martins Fontes.

Torres, W. C. (2002). *A criança diante da morte: desafios* (2ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Vygotsky, L. S. (1998). *Pensamento e Linguagem*. (2ª ed). São Paulo: Martins Fontes.

Recebido em: 30/03/2013

Aceite em: 17/06/2013

Aline Sberse Sengik é Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2002), especialista em Psicologia da Saúde pela

Universidade de Passo Fundo (2007). Atualmente cursa Mestrado em Educação na Universidade de Caxias do Sul.

Email: alinesengik@hotmail.com

Flávia Brocchetto Ramos é Doutora em Letras pela PUCRS. Atualmente atua nos Programas de Pós-Graduação em Educação e Letras na Universidade de Caxias do Sul.

Endereço: Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130.

Petrópolis, Caxias do Sul/RS, Brasil. CEP 95070-560.

Email: ramos.fb@gmail.com

Como citar:

Sengik, A. S. & Ramos, F. B. (2013). Concepção de morte na infância. *Psicologia & Sociedade*, 25(2), 379-387.